

Entre Redes e Memórias: um estudo com pescadores tradicionais de Arraial do Cabo/RJ e suas percepções das mudanças climáticas

Gabriel de Leles Batista Chaves (UFV/MG)

Dr^a Marisa Barbosa Araújo (UFV/MG)

Palavras-chave: Pescadores tradicionais, Mudanças climáticas, Memória coletiva.

1. INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas têm sido tema de debate em diversas áreas do conhecimento justamente por seu caráter emergente frente aos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). Dentro desse contexto, os ambientes costeiros ganham destaque pela sensibilidade de seus ecossistemas marinhos e pelos impactos econômicos e sociais que as mudanças climáticas podem causar, como aponta o relatório do IPCC (2023). Os debates científicos que têm sido produzidos sobre as mudanças climáticas e seus impactos nas relações socioeconômicas ambientais, apontam para a necessidade da compreensão sobre como os povos tradicionais são afetados e percebem essas modificações dentro de seus regimes de conhecimento.

Cunha (2009) apresenta como os saberes tradicionais operam em dimensões epistemológicas e simbólicas diferentes do conhecimento científico. Esses saberes são construídos na prática, compartilhando experiências, vivências e são transmitidos pelas tradições orais, dessa forma, fortalecendo os laços culturais da comunidade. Diferentemente da ordem científica moderna que é hegemônica nas produções científicas dentro das ciências duras, onde sua base é fundamentada em métodos sistematizados que buscam resultados consolidados e validação por pares.

Nessa lógica, Arraial do Cabo é marcada por disputas simbólicas e objetivas na construção da identidade cabista¹, que passa por um processo que vai além do mero local de nascimento. Diegues (2007) argumenta que ser cabista, sobretudo pescador, carrega o peso de representar a pesca vista como tradicional na região, para o fortalecimento de uma identidade se constitui não apenas pelo ser nascido no município, ou ser pescador, mas também pela disputa entre os saberes e práticas tradicionais em choque com relação com outras ordens de conhecimento.

¹ Gentílico para os nascidos em Arraial do Cabo.

O município de Arraial do Cabo é marcado por um fenômeno natural que promove, além de uma bela paisagem, um ambiente propício à pesca, ao mergulho e ao turismo. A ressurgência oceânica, responsável pela ascensão de correntes marinhas profundas vindas do Ártico, enriquece as águas da região com nutrientes, ampliando sua biodiversidade (MENDONÇA et al, 2013). Essa característica contribui para consolidar a região como um destino turístico para aqueles que buscam ambientes marinhos paradisíacos, além de favorecer as atividades pesqueiras na região por sua oferta de peixes e demais frutos do mar utilizados no comércio e no consumo. Esse fenômeno influencia diretamente os ciclos da pesca tradicional e a forma como os pescadores constroem seus conhecimentos sobre o mar e o pescado.

Com o avanço do turismo de sol e mar – definido como atividades turísticas relacionada ao entretenimento, descanso ou lazer em praia, pela presença de calor, sol e água (BRASIL, 2008) – e a presença de pesca predatória, foi criada, em 1997, a Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo² para garantir um instrumento de proteção e utilização dos recursos naturais renováveis pelos pescadores tradicionais. Tal mecanismo de proteção não é isento de interferências contraditórias. Araújo e Nicolau (2018) chamam a atenção sobre o processo da apropriação pelo Estado e por agentes de mercado: a Resex Mar AC passou a operar com uma lógica tecno burocrática que muitas vezes ignora a perspectiva dos próprios pescadores.

No cotidiano, a memória coletiva dos pescadores tradicionais ocupa um papel central na reprodução dos seus modos de vida, funcionando não apenas como registro das experiências, mas como mecanismos de resistência, legitimação do território e transmissão de conhecimento. Modos de conhecer atravessados pelo saber local permanecem sendo mobilizados pelos pescadores como formas legítimas de interpretar as transformações ambientais observadas no dia a dia da pesca, além de sustentarem a defesa de seus interesses frente às disputas de território.

2. MUDANÇAS NA PESCA: MEMÓRIAS DOS PESCADORES

Os pescadores tradicionais de Arraial do Cabo carregam consigo um acervo de conhecimento que articula seus saberes práticos, da vivência pesqueira, com as percepções de um tempo em que a pesca era farta e predominante. Suas percepções estruturam-se a partir das próprias experiências cotidianas. Ao longo das trajetórias de

² Ao longo do texto utilizarei o acrônimo Resex Mar AC para me referir a Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo.

trabalho com o mar, esses pescadores evocam a memória coletiva como forma de reafirmar seus conhecimentos e garantir a sobrevivência de suas tradições.

A memória coletiva, como apresentada por Pollak (1992), é uma construção socialmente situada, na qual as lembranças individuais adquirem sentido em relação a quadros coletivos de referência, como acontecimentos, e narrativas compartilhadas, por exemplo.

Um dos interlocutores³, o Sr. Antônio⁴, expressa bem a articulação entre memória individual e quadros coletivos de referência. Quando lhe foi perguntado se ele via mudanças na pesca, ele respondeu: *Há 30 anos atrás, a quantidade aqui na praia (de peixe) era farta demais. Então agora tem menos. Com certeza. Com certeza*. Sua resposta coloca em evidência a noção de temporalidade construída a partir da comparação passado e presente, na qual a fartura de peixes é parâmetro para interpretar as transformações atuais. Sua lembrança traz a sua percepção individual da redução de peixes, mas, principalmente, a percepção compartilhada de mudanças no ambiente e na atividade pesqueira de toda a comunidade. O comércio de peixe sempre esteve entre as atividades econômicas mais fundamentais do município. Logo, essa redução do estoque de peixe é percebida através do compartilhamento das vivências dos pescadores.

Em uma conversa sobre as mudanças percebidas, o Sr. Carlos diz: *Mas que tem uma diferença gigantesca entre o que a gente pescava e o que se pesca agora, é escancarado*. Tal afirmação, sobre a captura do peixe, conflui com o entendimento coletivo da redução dos estoques de peixe. Esse comentário, em diálogo com a narrativa anterior, reafirma a memória como um acervo socialmente compartilhado, que não se limita a diagnósticos ecológicos abstratos, mas se ancora em experiências práticas e cotidianas da pesca.

Ao narrarem suas experiências, os pescadores mobilizam temporalidades comparativas para descrever as transformações percebidas no território marítimo. As referências à “30 anos atrás” e ao “agora” aparecem como categorias centrais dessas narrativas, evidenciando a percepção de uma redução progressiva da quantidade de peixe. As narrativas sobre a redução da quantidade de peixes também aparecem associadas à diminuição do tamanho das espécies capturadas,

³ Foram entrevistados 4 interlocutores: Sr. Antônio, Sr. Geraldo, Sr. Carlos e Sra. Tereza. Todos exercem a atividade da pesca em praias distintas e em cada um deles exerce uma modalidade de pesca diferente.

⁴ Para garantir o anonimato das entrevistas, todos os interlocutores tiveram seus nomes alterados.

E o tamanho também do peixe. Antigamente, a gente matava anchova de 3, 4 quilos à vontade. Hoje em dia, pra você achar anchova, de até 1 quilo, 1 quilo e pouco. E isso não é só com anchova. É com anchova, com charne, com badejo, com garoupa.[...] Um francês, que era campeão mundial de caça submarina, na década de 40, se não me engano, ou de 50, ele veio mergulhar aqui. Trinta anos depois, eu caía no mesmo lugar que ele matava três badejos quadrados de 60 quilos, eu matava três badejos quadrados de 5, 6 quilos. Vê a diferença de tamanho? (Sr. Carlos, 2026).

Esse trecho chama atenção por evidenciar outra problemática percebida pelos pescadores: além da redução dos estoques pesqueiros observa-se também a diminuição do tamanho do pescado, processo que compromete a dimensão econômica ligada à atividade pesqueira.

O Sr. Geraldo, um pescador da praia dos Anjos, ao dizer *Antes era muito fácil encher o barco de peixe, hoje tá difícil, mas eu sei não o por que, acho que não sei explicar*, também mobiliza categorias de temporalidade para interpretar as mudanças percebidas na atividade pesqueira. A oposição entre *Antes* e *hoje* organizou sua narrativa em torno da dificuldade de *encher o barco* indicando a percepção da diminuição do pescado. Ao mesmo tempo, o *não saber explicar* revela a dimensão da incerteza diante das causas dessas transformações e está acompanhado de nuances que remetem à insegurança com relação à atividade de pesca, além de observações práticas e tentativas de compreensão dos motivos das mudanças que afetam a pesca.

A Sra. Tereza compartilha sua percepção da mudança na pesca quando afirma que: *Não era nem época de pescar mesmo. Eles iam lá, tiravam aqueles peixes pequenos, ou então tiravam o peixe na época da desova, ou quando tava muito pequeno, até deixava na areia*. Sua fala apresenta como a atividade humana não está isenta de intencionalidade, as consequências percebidas pela pescadora se manifestam através das práticas predatórias de exploração dos recursos marinhos, ao destacar a captura de espécies em época de desova ou em tamanhos pequenos demais. A interlocutora estabelece uma relação direta entre a ação humana e redução das disponibilidade do pescado, essa percepção não aparece de forma isolada, o Sr. Antônio também associa as mudanças na pesca às ações humanas sobre o meio ambiente ao falar sobre o *excesso de queimadas* e o *abuso de carbono*. As falas reinterpretem categorias amplamente discutidas no debate ambiental contemporâneo, a partir da experiência prática da pesca tradicional, articulando explicações mais gerais (como a degradação ambiental) e a percepção das modificações no território marítimo local.

É nesse contexto que outras categorias aparecem nas narrativas dos pescadores tradicionais de Arraial do Cabo como formas de compreender as mudanças na pesca. O clima, por exemplo, é mencionado como um fator relevante. *O clima de Arraial tá*

Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026) 4

*estranho, tá mais quente e tá chovendo quando não era pra chover[...] , afirma Sr. Geraldo. Quando faz essa afirmação, ele destaca que as alterações no vento, nas chuvas e no mar não são percebidas como fenômenos naturais abstratos, mas como fatores que interferem diretamente na possibilidade de realização do trabalho da pesca. De modo semelhante, o Sr. Antônio relata: *Esse vento pra nós é muito prejudicial. Não tem condição da gente pescar, né? Porque o mar fica muito agitado, bem mexido.* Sua fala evidencia que os ventos são elementos cruciais para a atividade pesqueira, pois afetam tanto a possibilidade de saída para a pesca, quanto a segurança dos pescadores. Esses conhecimentos sobre o clima são construídos através do compartilhamento de experiências práticas na pesca e fundamentam a percepção local das transformações ambientais e climáticas. Perceber que o vento está “ruim” é uma avaliação prática sobre as condições de trabalho, sobre os riscos envolvidos e sobre possibilidades de captura do pescado, e garante que o esforço dedicado à pesca será proporcional a quantidade de peixe pego.*

As percepções dos pescadores dialogam com os debates sobre os efeitos das mudanças climáticas nos ambientes costeiros. O relatório do IPCC (2023), por exemplo, apresenta a ocorrência de danos econômicos decorrentes das mudanças climáticas em setores expostos ao clima, como a pesca, turismo e energia. Essa relação aparece na fala do Sr. Geraldo ao afirmar que: *a chuva é ruim pra cidade porque afasta os turistas, hoje eu vivo do turismo, não dá pra passear de barco com chuva.* O pescador evidencia, assim, como as variações climáticas em períodos antes percebidos como incomuns interferem tanto nas atividades da pesca quanto nas atividades turísticas associadas ao mar.

Porém, tais interpretações não aparecem de maneira homogênea entre os interlocutores. O Sr. Carlos, embora reconheça transformações na pesca tradicional, não estabelece uma relação direta entre a redução dos estoques pesqueiros e as mudanças climáticas em escala global, tal como discutidas pelo IPCC, pela Conferência das Partes - COP e por outros organismos internacionais. Nota-se, portanto, que as mudanças percebidas pelos pescadores não são necessariamente interpretadas por todos a partir das mesmas categorias explicativas, revelando a coexistência de diversas leituras locais.

Em uma conversa sobre mudanças climáticas, o Sr. Carlos, enfaticamente, faz a seguinte afirmação:

Eu tenho problema com esse negócio aí de mudança climática. Eu, até hoje, ainda não me convenci dessa história não, do que é real dessa história, o que é feito do homem na situação, o que é um ciclo natural. Eu tenho um

pouquinho de dúvida sobre esse negócio de mudança climática, do jeito que o nego coloca aí com a ONU, Agenda 2030. Eu acho que tem muito teatro aí nessa história, mas que tem diferença, tem. (Sr. Carlos, 2026).

A fala do Sr. Carlos evidencia que o reconhecimento das mudanças ambientais não implica, necessariamente, a adesão automática às categorias explicativas mobilizadas pelos debates técnico-científicos e institucionais sobre mudanças climáticas. Ele reconhece empiricamente que algo se modificou nas condições da pesca e no ambiente marinho ao afirmar *que tem diferença, tem.* reconhece que há uma redução do estoque de peixe e no tamanho das espécies coletadas. No entanto sua dúvida recai sobre as formas com que estas mudanças são explicadas, principalmente quando associadas a discursos globais sobre mudanças climáticas, organismos internacionais e agendas institucionais.

O Sr. Carlos ainda afirma: *a minha opinião é que isso tem pouco a ver com essa questão de mudança climática. A sensação que eu tenho é mais esforço de pesca e poluição, destruição dos habitats.* Nesse sentido, sua interpretação desloca a explicação das mudanças na pesca para fatores que observa na sua experiência cotidiana: a atuação da pesca industrial, a poluição e a destruição dos habitats marinhos . Ao atribuir centralidade a estas causas, o sr. Carlos chama a atenção para os conflitos relacionados às formas desiguais de exploração econômica do mar, sobretudo entre a pesca tradicional e a pesca industrial predatória.

A fala do Sr. Carlos e de outros pescadores revelam uma leitura situada das transformações ambientais, construídas a partir da experiência prática, da memória da atividade pesqueira e da percepção local dos impactos sobre o trabalho no mar, revelando a coexistência de diferentes regimes de explicação: os discursos institucionais sobre mudanças climáticas e os saberes situados dos pescadores.

3. PESCA TRADICIONAL: CONFLITOS NO TERRITÓRIO

Pescar é o verbo principal que aparece nas entrevistas com os pescadores. Tal atividade opera como motor na configuração da identidade desses sujeitos, não apenas como atividade econômica, mas principalmente como forma de reconhecimento e resistência da comunidade. Os interlocutores apresentam suas percepções sobre as mudanças na pesca a partir de um estoque de conhecimento acumulado ao longo de gerações, mobilizando a memória coletiva, experiências práticas e observações cotidianas para interpretar as transformações que afetam a atividade pesqueira.

Porém, as mudanças percebidas pelos pescadores não são compreendidas apenas como fenômenos ambientais e climáticos. Suas narrativas denotam que essas transformações estão inseridas em um território envolvido em disputas de uso e apropriação do mar. Dessa forma, a redução do estoque pesqueiro, as alterações nos ciclos naturais e as dificuldades enfrentadas na pesca tradicional são associadas a conflitos com a pesca industrial, à expansão do turismo e a burocratização da Resex Mar AC.

Como assinalam Araújo e Nicolau (2018), Resex Mar AC foi originalmente concebida a partir de princípios como autonomia, autogestão e autogoverno do território. No entanto, a persistência de conflitos em torno do uso de recursos pesqueiros dificulta sua operacionalização de forma plena.

A existência de desigualdades entre a pesca tradicional e as modalidades industriais aparece de forma contundente na fala do Sr. Antônio: *Houve uma grande defasagem aí pra nossa pesca artesanal. Pela tecnologia, por rede de espera⁵, que é proibido, mas as pessoas não respeitam, entendeu? E assim vai por diante, né?* Nessa formulação, o pescador associa o enfraquecimento da pesca tradicional à expansão de tecnologias e práticas de captura que ampliam a pressão sobre os recursos marinhos e acirram a competição com os pescadores tradicionais. Mesmo diante de mecanismos legais destinados à regulação e proteção da atividade pesqueira, sua fala evidencia limites na fiscalização, no controle e no manejo do território. A escassez do pescado não é interpretada somente como um fenômeno exclusivamente ambiental ou natural, mas como o resultado de relações desiguais de acesso e exploração dos recursos marinhos. A tecnologia, neste contexto, aparece associada a formas de poder econômico e produtivo que colocam a pesca tradicional em posição de vulnerabilidade.

O Sr. Carlos, também enfatiza os impactos da pesca industrial predatória na região. Ao recordar o período anterior à criação da Resex Mar AC, sua narrativa mobiliza uma dimensão da memória coletiva sobre conflitos que marcaram o uso do território marítimos:

Até porque, por exemplo, antes da criação da reserva, os barcos industriais de arrasto de camarão arrastavam na beira da praia. Acabavam com tudo... Você já viu o prejuízo que um arrastão⁶ de fundo faz? A gente tinha trinta,

⁵ A rede de espera é uma técnica de pesca, onde uma rede de nylon é lançada na água e deixada por longos períodos de tempo. Os peixes nadam em direção à rede, ficam presos e são capturados.

⁶ A pesca de arrastão é um método realizado por grandes embarcações que rebocam redes pesadas pela água. Essa prática é conhecida pelos impactos negativos aos ecossistemas

Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026) 7

quarenta barcos de arrasto de pesca industrial grande arrastando na beira da praia. O cara passava com o arrastão e levava os barcos todos porque pegava a garatêia⁷ de todo mundo. Porra! Eles não estavam nem aí.

O pescador atribui à pesca industrial de arrasto um papel decisivo na degradação das condições locais de pesca, especialmente na redução da quantidade e do tamanho das espécies capturadas. Assim, a transformação da pesca na região pode ser compreendida como resultado de um processo histórico de exploração intensiva do mar, no qual grandes agentes econômicos impuseram formas predatórias de usos de recursos, aprofundando a vulnerabilidade dos pescadores tradicionais.

O reconhecimento da importância da Resex Mar AC aparece de forma recorrente nos discursos dos entrevistados. No entanto, tal reconhecimento não implica em uma avaliação homogênea ou isenta de críticas. A Resex é compreendida como um instrumento relevante para a proteção do território e dos modos de vida tradicionais, mas também como um espaço atravessado por disputas e limitações administrativas. Essa ambiguidade é expressa pelo Sr. Carlos quando afirma: *A reserva é um instrumento que, mesmo mal utilizado, tem ajudado muito.* Sua fala revela, ao mesmo tempo, a percepção dos benefícios proporcionados pela Resex e a crítica às formas como ela tem sido conduzida, tendo em vista os conflitos entre conservação ambiental, turismo e pesca tradicional.

Essa percepção permite compreender que os conflitos em torno da Resex Mar AC não se estabelecem em terrenos neutros. Ao contrário: a pesca, a conservação ambiental e o turismo estão inseridos em diferentes projetos de gestão, apropriação, ocupação e uso do território. Conforme mencionado anteriormente, a criação da Resex Mar AC buscou garantir a proteção dos recursos naturais e a permanência dos modos de vida tradicionais. Contudo, os pescadores continuam percebendo tensões relacionadas à presença de agentes externos, à expansão das atividades turísticas e à participação limitada das comunidades locais nos processos decisórios que afetam diretamente suas práticas e atividades de trabalho.

Como apresenta o Sr. Amaro: *Cobra que não se mexe, não engole sapo, tem que aprender, tem que ver e fazer as coisas pra aprender de verdade, o pescador não pode ficar parado, ele tem que se virar e eu fui pro turismo.* Sua narrativa expressa que, diante da instabilidade da atividade pesqueira e das tensões produzidas pela presença de outras atividades econômicas no território, alguns dos pescadores passam a buscar

marinhos, pois captura espécies não comerciais, danifica recifes de corais e altera o fundo oceânico.

⁷ Uma garateia é um conjunto de três anzóis unidos em uma única haste, formando uma estrutura semelhante a uma âncora.

alternativas de subsistência, tal como o turismo. Essa mobilização deve ser interpretada como uma estratégia prática de adaptação frente às incertezas econômicas e aos limites impostos à reprodução da atividade tradicional e não apenas como abandono da pesca. Ao mesmo tempo, revela uma tensão importante: a necessidade de diversificação das fontes de renda pode contribuir para garantir a permanência dos pescadores no território, mas também pode transformar suas práticas, seus vínculos com a pesca e as formas tradicionais de uso dos recursos marinhos.

Além dos conflitos relacionados à exploração de recursos marinhos no território de Arraial do Cabo, as entrevistas também evidenciam a dificuldade na reprodução social da pesca tradicional cabista. Os interlocutores apontam uma crescente fragilização da transmissão intergeracional dos conhecimentos pesqueiros, aspecto que também é discutido por Oliveira Cardoso et al. (2020) ao demonstrarem que o interesse dos jovens pela pesca é construído no interior do processo de socialização familiar, mas que essa dinâmica tem perdido força diante da baixa rentabilidade econômica e das incertezas associadas à atividade pesqueira.

Esta percepção se torna aparente através da fala do Sr. Antônio, quando afirma: *Os meus filhos nunca se interessaram em negócio de pesca*. Quando questionado sobre os motivos do desinteresse, o pescador observa que as novas gerações não querem *interagir com a pesca* e preferem estudar, fazer faculdade para buscar outras possibilidades de trabalho. Sua narrativa associa, portanto, o afastamento dos jovens da atividade pesqueira à procura por alternativas de formação e inserção profissional que ofereçam maior estabilidade econômica e social.

A Sra. Tereza compartilha uma percepção semelhante ao destacar: *É, não há hoje muito interesse nos jovens, né? Até mesmo porque é um trabalho, assim, que eles querem uma coisa assim mais... A pesca é uma coisa muito sacrificada para você que pesca*. Para ela, o reduzido interesse dos jovens aparece associado à dedicação prolongada, ao intenso esforço físico e ao desgaste cotidiano. A pesca é apresentada como um trabalho difícil, incerto e pouco atrativo para gerações que buscam outras formas de inserção social e profissional. Ao mesmo tempo, a interlocutora menciona a existência de iniciativas voltadas ao ensino das técnicas tradicionais, indicando que há esforços locais para estimular a participação dos jovens e garantir a continuidade dos saberes acumulados pela comunidade ao longo das gerações.

As narrativas apresentadas demonstram que os conflitos vivenciados pelos pescadores tradicionais de Arraial do Cabo extrapolam a dimensão estritamente ambiental. Eles envolvem disputas pelo território, pelos recursos marinhos, pela

Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026) 9

legitimidade dos saberes tradicionais e pela continuidade de seus modos de vida associados à pesca tradicional. É nesse contexto que as transformações percebidas pelos interlocutores não podem ser compreendidas apenas como consequências das mudanças climáticas ou de alterações ecológicas isoladas. Elas resultam da articulação entre processos ambientais, econômicos, políticos e culturais que reconfiguram, de forma contínua, as relações entre os pescadores, o mar e a pesca tradicional.

4. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. P.; NICOLAU, O. S. Participação social na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 48, Edição especial: 30 Anos do Legado de Chico Mendes, p. 299-320, novembro de 2018;

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Constituição da República Federativa do BRASIL. **Turismo de sol e praia: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008;

Cunha, M. C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: Cunha, M. C. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 277- 300.

DIEGUES, A. C. **Cultura marítima, Conhecimento e Manejo tradicionais na Resex Marinha do Arraial do Cabo. Projeto Socioambiental de Reserva Extrativista Marinha para o Ecodesenvolvimento - Arraial do Cabo (RJ)**. Programa Petrobras Ambiental. COPPE/UFRJ. NUPAUB-USP, 2007;

IPCC. 2023. Relatório de Síntese da Mudança do Clima 2023. Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/copy_of_IPCC_Longer_Report_2023_Portugues.pdf. Acesso em: 20/05/2026;

MENDONÇA, T. C. M.; MORAES, E. A. de; COSTA, M. A. M. Turismo e pesca nas Reservas Extrativistas Marinhas de Arraial do Cabo (RJ) e da Prainha do Canto Verde (CE): possibilidades e limites de complementaridade. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p.372-390, dez. 2013;

OLIVEIRA CARDOSO, P.; DOULA, S. M.; CAMELO MOREIRA, D.; LEONARDO DIAS, D. O PROCESSO DE TRANSMISSÃO GERACIONAL. **Mares: Revista de Geografia e Etnociências**, v. 2, n. 1, p. 73-84, 16 out. 2020.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200 a 212, 1992;